

AVALANCHE DO CONSUMISMO NA MODERNIDADE. UMA SOCIEDADE SEM LIMITES NO MUNDO GLOBALIZADO

Walter SANTOS¹

Alcindo José de SÁ²

RESUMO

Através de uma coleta de textos filosóficos abordando o consumismo acelerado na modernidade, com todos os ingredientes estruturais (econômico, político, social e cultural) do sistema capitalista no mundo globalizado, resultou neste trabalho teórico, cujo objetivo é ressaltar as diversas correntes de pensamento, que possam justificar uma avalanche de consumo. Essa obsessão transparente e direta de consumir é uma consequência previsível de vários fatores envolvidos no contexto da modernidade. A mudança de valores de uma sociedade é um dos fatores mais evidentes do comportamento do sistema capitalista global. Os processos que determinam a transição desses valores tornam-se perceptíveis na narrativa dos vários autores referenciados. Esses depoimentos mostram a força do capitalismo a partir do fordismo keynesiano até a pós-modernidade, com a prevalência de acumulação de capital em detrimento de uma sustentabilidade social e urbana. No conteúdo básico da unanimidade dos autores aqui mencionados, em relação ao sistema capitalista selvagem, é observado com grande preocupação o crescimento dos bens materiais, especialmente a quantidade de produtos disponíveis no mercado, que não tem regulação alto sustentável, desenvolvendo um avanço tão extraordinário do poder de compra, que se transforma em uma avalanche do consumismo. Essa avalanche é cultivada pelo mercado financeiro globalizado, de acordo com o mundo virtual, colocando o nível de possibilidades, bem acima do grau de necessidades das pessoas.

Palavras-chave: Avalanche do consumismo, globalização, capitalismo e modernidade.

ABSTRACT

A collection of philosophical texts addressing the accelerated consumerism in modernity, with all the structural ingredients (economic, political, social and cultural) of the capitalist system in a globalized world, resulted in this theoretical work, which aims to highlight several currents of thoughts that may justify an avalanche of consumption. This transparent and direct obsession of consuming is a predictable consequence of several factors, involved in the context of modernity. The change of values in a society is one of the most evident factors on the behavior of the global capitalist system. The processes that determine the transition of these values become visible in the narrative of the various authors referenced. These statements show the strength of capitalism from keynesian fordism to the post-modernity, with the prevalence of capital accumulation at the expense of social and urban sustainability. The basic content of the unanimity of the authors mentioned here regarding to the ruthless capitalist system, is observed with great concern of the growth of material goods, especially the amount of available products in the market, which has no self-sustainable regulation, developing a so extraordinary purchasing power that turns into an avalanche of consumerism. This avalanche is cultivated by the globalized

¹ E-mail: walterbiometria@yahoo.com.br.

² Prof. Adjunto do Departamento de Ciências Geográficas da UFPE. E-mail: alcindo-sa@uol.com.br.

financial market, according to the virtual world, putting the level of possibilities well above the level of people's needs.

Key words: Avalanche of consumerism, globalization, capitalism and modernity.

1. INTRODUÇÃO

Após a leitura de alguns trabalhos interessantes referenciados pela disciplina: espaço e modernidade surgiu a idéia de produzir este artigo, com base no consumismo avassalador da sociedade plenamente encantada pelos ares da modernidade, dentro do mundo globalizado.

Trata-se de um apanhado de textos filosóficos, enfatizando a exposição de vitrines do consumo, nas quais as pessoas buscam, cada vez mais, prazeres materiais para saciar a vontade de consumo, que lhes dão satisfação imediata, porém superficial, de acordo com os seguintes aspectos:

Em primeiro lugar, porque a globalização exerce um poder econômico muito forte e contribui para que a sociedade mude os seus valores. Com a aquisição de novos hábitos dessas pessoas, torna-se inevitável a transição dos seus valores. A globalização se reporta a uma correlação que está presente entre os elementos inseridos neste contexto. Sobre isso Berardi (2005) afirma:

A noção de globalidade nasce em descontinuidade evidente com o conceito de universalidade ao qual os modernos tinham atribuído o discurso sobre o conjunto social. A referencia ao todo, que o Iluminismo havia entendido conforme um princípio de racionalidade universal e o romantismo tinha entendido em uma perspectiva histórica e espiritual, na era da técnica tem caráter interativo e funcional.

Em segundo, porque o capitalismo é bastante promissor na tarefa de disponibilizar bens materiais no mercado da nova economia. A respeito desse assunto Berardi (2005), apresenta o seguinte comentário:

O sistema produtivo do capital não é concebido em função da utilidade do produto, mas da utilidade, da capacidade de produzir valor. O Capital não põe em marcha a produção para o prazer de produzir objetos úteis para a comunidade, para o prazer de organizar atividades concretas. O capital põe em marcha o processo de produção para extrair mais-valia, e o trabalho que é envolvido na produção de valor é trabalho abstrato, trabalho indiferente à

qualidade útil de seus produtos. Mas agora nos encontramos diante de uma passagem posterior, perto da ordem de abstração do processo produtivo.

E, finalmente, porque existe uma avalanche do consumismo diante de um mundo globalizado. Esse consumo sendo diluído de forma transparente, mostrando os diversos fatores diretamente envolvidos, de acordo com as regras da nova economia. Essa economia, que também é chamada de economia de rede, é apresentada por Kelly (1999) e comentada por Berardi (2005):

Kelly mostra o sistema econômico global como um sistema biológico em que os diversos fatores encontram espontaneamente seu equilíbrio, seguindo uma lógica englobada no conjunto. O modelo de crescimento social imaginado por Kelly seria verdadeiro se estivéssemos falando de um sistema puro, mas a economia planetária não é um sistema puro, porque entra em contato com uma quantidade de impurezas de tipo social, político, cultural, psíquico e assim por diante.

2. MUDANÇA DE VALORES DA SOCIEDADE

Com um mercado cada vez mais diversificado e crescente a sociedade de consumo fica deslumbrada, diante das inúmeras possibilidades de aquisição de bens materiais recheados de novidades e que, de certa forma, contribui para suprir os desejos de um prazer momentâneo. Essa sociedade abre mão de outras formas de satisfação pessoal, em troca de um deleite passageiro e que muitas vezes vai além do seu poder aquisitivo. Mas, tudo isso é fruto de um sistema econômico instalado a partir de um modelo político, correlacionado diretamente com a globalização. Porque as impurezas de tipo social, político, cultural, psíquico e etc., apresentadas por Kelly (1999) e comentadas por Berardi (2005), são verdadeiras e intervieram de forma negativa no sistema. Inicialmente Berardi define o mundo global da seguinte maneira:

Segundo Berardi, global é a forma de um mundo inervado por circuitos da conexão generalizada, no qual todo ponto pode ser conectado a qualquer outro ponto. Essa possibilidade de conexão produz uma espécie de colapso da geografia, da distância espacial: co-presença planetária das imagens, da informação, das mercadorias.

Ainda, de acordo com Berardi (2005), a velocidade de mudanças do mercado(sistema econômico) não é a mesma de mudanças de uma cultura:

Na integração hipermoderna, as culturas tradicionais são sujeitas a um processo de integração que desvirtua e ao mesmo tempo conserva os caracteres tradicionais, atrelando-os à finalidade dominante da economia. Muito rapidamente são assimiladas as competências econômicas, produtivas, as linguagens da publicidade e do mercado, mas não se podem modificar com a mesma rapidez os modelos simbólicos nos quais se fundamenta a identidade de uma cultura e de um povo. A participação no circuito comunicativo planetário produz uma rápida e desesperada expectativa de consumo, que não caminha *pari passu* com um aumento da renda e da possibilidade de obter efetivamente o que a publicidade promete.

Partindo de um comportamento brando, calmo e tranquilo ao longo do tempo, sem explosões especulativas, vamos encontrar esta análise feita por Santos (2002) no capítulo *Por uma geografia das redes*:

No primeiro momento, as redes existentes serviam a uma pequena vida de relações. O espectro do consumo era limitado. Exceto para uns poucos indivíduos, as sociedades locais tinham suas necessidades localmente satisfeitas. Os itens trocados eram pouco numerosos e as trocas pouco freqüentes. A competitividade entre grupos territoriais era praticamente inexistente, em períodos normais. O tempo era vivido como um tempo lento.

Continuando com a análise de Milton, agora ele mostra o panorama através de um perfil diferente do primeiro:

No segundo momento, o consumo se amplia, mas o faz moderadamente. As modernidades se localizam de modo discreto. O progresso técnico tem utilização limitada. O comércio é direta ou indiretamente controlado pelo Estado. Se a respectiva formação socioeconômica se estende além dos oceanos, essa expansão é limitada a alguns fins. O “mercado mundial” é a soma dos mercados coloniais. Graças à colonização, o comércio internacional é “fechado”. As redes buscam mundializar-se, e fisicamente o

fazem, mas seu funcionamento é limitado. As fronteiras são um fato econômico, financeiro, fiscal, diplomático, militar, além de político.

Na fase clássica denominada “moderna”, nas sociedades industriais européias, houve uma incorporação de novos valores culturais, sociais e econômicos oriundos da globalização. Berardi (2005) mostra essa incorporação assim:

As diferenciações e segmentações se estratificaram durante muitas gerações, de modo a criar defesas sociais e mediações culturais que não existem nas sociedades tradicionais que nas últimas décadas foram investidas pela onda da globalização econômica e cultural.

A história nos mostra que na década de 1980 e na seqüência nos anos de 1990, a explosão do consumo atingiu um patamar significativo, quando comparado com períodos anteriores. Os efeitos desse período dinâmico e explosivo do poder de compra, levou Berardi (2005) a se manifestar assim:

Na opinião de Berardi, isso produziu efeito sem precedentes de criminalização das sociedades em transformação. Além disso, a desilusão que se segue à insatisfação das expectativas de consumo produz reações de reafirmação agressiva da identidade tradicional e defesa desesperada daqueles valores tradicionais, que a hipermodernização fez eclodir sem substituí-los com seguranças materiais e alternativas psicológicas. A integração funcional redefiniu os sistemas simbólicos tradicionais, atrelando-os à finalidade capitalista. Mas, quando o capitalismo começa a produzir efeitos de tipo conflitante, os valores tradicionais e as formas de pertença arcaicas removidas da modernização retornam com uma violência acrescida pelo rancor, pela impotência, pelo sentimento de exclusão.

Em relação a esse sentimento de exclusão, Bauman (1999) mostra os aspectos negativos do capitalismo selvagem no mundo globalizado, através do seu trabalho “Globalização: as conseqüências humanas.” Se, dentro do mesmo cenário, é observado o crescimento da acumulação de capital e a terrível exclusão do contexto produtivo de pessoas desqualificadas no mercado de trabalho, a princípio, o modelo econômico não é adequado, não gera desenvolvimento sustentável e não modifica o quadro geral de refugio nas grandes cidades. Em 2005, Bauman mostra em outro documento: “Vidas

desperdiçadas”, a verdadeira realidade de um modelo típico de exclusão social, com profundas conseqüências humanas dentro da sociedade. Essa sociedade, que convive com uma batalha progressiva entre a produção e o consumo, modelado pelo capitalismo global, herda como resultado negativo a intensidade de excluídos, aumentando de forma considerável o contingente de pessoas consideradas “refugo” ou “lixo humano”, expressão usada por Bauman (2005). Diante desse fato as conseqüências se reproduzem aceleradamente, gerando um mundo de criminalidade, onde o Estado enfraquecido não consegue estabelecer regras para uma segurança efetiva, segundo Bauman (2005):

A produção de “refugo humano”, ou, mais propriamente de seres humanos refugados (os “excessivos” e redundantes”, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar), é um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade . É um inescapável efeito colateral da construção da ordem (cada ordem define algumas parcelas da população como “deslocadas”, “inaptas” ou indesejáveis”) e do progresso econômico (que não pode ocorrer sem degradar e desvalorizar os modos anteriormente efetivos de “ganhar a vida” e que, portanto, não consegue senão privar seus praticantes dos meios de subsistência).

No cenário histórico da expansão do consumismo moderno, aliado com a transição de valores da sociedade, existem várias formas de análise em relação ao entendimento real do seu mecanismo comportamental. Uma delas é descrita por Bauman (2001):

Quaisquer que sejam as aplicações do conceito da racionalidade referida a valores no esquema weberiano da história, esse conceito é inútil se quisermos captar a essência do momento histórico presente. O capitalismo leve de hoje não é “racional por referência a valores” no sentido de Weber, ainda que se afaste do tipo ideal da ordem racional-instrumental. O capitalismo leve parece estar a anos-luz de distância da racionalidade referida a valores no estilo weberiano; se alguma vez na história os valores foram abraçados “em termos absolutos”, isso certamente não é o que acontece hoje. O que realmente aconteceu no curso da passagem do capitalismo pesado para o leve foi o desbaratamento dos invisíveis “politburos” capazes de “absolutizar” os valores, das cortes supremas destinadas

a pronunciar veredictos sem apelação sobre os objetivos dignos de perseguição (as instituições indispensáveis e centrais para o discurso de Joshua).

Bauman (2001) vai mais além, mostrando a infinidade de possibilidades e oportunidades inerentes ao contexto da lacuna provocada pela ausência das Supremas Repartições no comando das ações:

Como as Supremas Repartições que cuidavam da regularidade do mundo e guardavam os limites entre o certo e o errado não estão mais à vista, o mundo se torna uma coleção infinita de possibilidades: um contêiner cheio até a boca com uma quantidade incontável de oportunidades a serem exploradas ou já perdidas. Há mais – muitíssimo mais – possibilidades do que qualquer vida individual, por mais longa, aventureira e indutória que seja, pode tentar explorar, e muito menos adotar. É a infinidade das oportunidades que preenche o espaço deixado vazio pelo desaparecimento da Suprema Repartição.

Essas infinitas oportunidades apresentadas de forma intensiva no mundo moderno contribuem favoravelmente para aumentar os desejos e multiplicar a ansiedade de escolha. Nesse caso os limites são inteiramente abandonados. Não há restrições que controle os desejos, como não existem regras tão rígidas que garantam um comportamento estável. É uma dinâmica capaz de derrubar ou destruir qualquer timidez. Em relação a isso, vejamos o exemplo apresentado por Bauman (2001):

O mundo cheio de possibilidades é como uma mesa de bufê com tantos pratos deliciosos que nem o mais dedicado comensal poderia esperar provar de todos. Os comensais são consumidores, e a mais custosa e irritante das tarefas que se pode colocar diante de um consumidor é a necessidade de estabelecer prioridades: a necessidade de dispensar algumas opções inexploradas e abandoná-las. A infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolha.

Voltando para a abordagem histórica, vamos encontrar no trabalho filosófico de Sábato (1993) um depoimento bastante oportuno para essa discussão, apresentado por Bezerra & Bitoun (2006):

Sábato debate a figura humana frente ao mundo que habita, seu papel transformador, sua relação com o tempo e o espaço, suas angústias e sua função na evolução da ciência. O “homem-engrenagem” é a caricatura da sociedade moderna, caracterizada pela sobreposição dos aspectos quantitativos sobre os qualitativos, o tempo e o espaço tornam-se divisíveis e quantificáveis.

Essa conquista da sociedade moderna em possuir um mundo de oportunidades, na realidade, é promissor para os consumidores, porém é muito melhor para o sistema econômico globalizado, porque a cadeia de produção se mantém engrenada, produzindo cada vez mais, tanto em quantidade como em qualidade. A mudança de comportamento dessa massa crítica (pessoas de uma sociedade exigente e formadora de opinião) tem uma base sustentável que é o conhecimento. Esse conhecimento tão importante que Santos (2002) se manifesta, afirmando que:

Nos dias atuais, a técnica e a ciência presentearam o homem com a capacidade de acompanhar o movimento da natureza, graças aos progressos da teledetecção de outras técnicas de apreensão dos fenômenos que ocorrem na superfície da terra.

Portanto, o homem, com o seu conhecimento, pode mudar muita coisa, inclusive a sua própria vida, procurando aperfeiçoar-se do ponto de vista humano, psíquico, social, cultural religioso, etc. Por isso é que ele promove a transição de valores fundamentais e básicos da sociedade.

3. O CAPITALISMO EXPANDINDO A OFERTA DE BENS MATERIAIS

O universo do capitalismo é bem mais amplo do que se possa imaginar, principalmente quando se leva em consideração os fatores endógenos: político, cultural e social (direitos trabalhistas). A nova economia mostra os indicadores que medem o nível da produção do momento atual e o cenário de perspectiva do futuro, sem desprezar os vínculos: político, cultural e social.

No “trabalho cognitivo e crise da *new economy*”, Berardi (2005) afirma que:

O capital põe em marcha o processo de produção para extrair mais-valia, e o trabalho que é envolvido na produção de valor é trabalho abstrato, trabalho indiferente à qualidade útil de seus produtos.

Dando prosseguimento ao depoimento de Berardi (2005), vamos colocar outra afirmativa dele, que desmistifica o capitalismo na sua essência:

Os mesmos indicadores econômicos se autonomizam em relação ao sistema produtivo e se constituem como sistema sincrônico, estrutural, auto-referente e independente do mundo real. As finanças não traduzem apenas os sinais da economia, mas os da esperança, da expectativa, da euforia, do pânico e da angústia.

Outra forma de entender o mundo do capitalismo na modernidade é através da ótica de Santos (2002):

O Mundo é apenas um conjunto de *possibilidades*, cuja efetivação depende das *oportunidades* oferecidas pelos lugares. Esse dado é, hoje, fundamental, já que o imperativo da competitividade exige que os lugares de ação sejam global e previamente escolhidos entre aqueles capazes de atribuir a uma dada produção uma produtividade maior. Nesse sentido, o exercício desta ou daquela ação passa a depender da existência, neste ou naquele lugar, das condições locais que garantam eficácia aos respectivos processos.

Disponibilizadas essas condições de ação global, que o mundo competitivo enfrenta, fica por conta da nova economia, de preferência sustentável, colocar em operacionalização os diferentes modelos econômicos com sustentabilidade, de acordo com o lugar, seguindo as regras do sistema capitalista (pesado ou leve). Se a modernidade é favorecida por uma gama de *possibilidades* disponibilizada pelo mundo globalizado, logo as *oportunidades* tendem a se efetivarem em favor de uma sociedade cada vez mais fascinada pelo consumo. É, portanto, o consumo atraído pelo prazer da posse, da vaidade e da alienação. Evidentemente que depende do lugar, para se estabelecer os níveis de consumo. Esse termômetro de consumismo fica muito atrelado ao sistema econômico do lugar (Estado federativo). Às vezes se rompem fronteiras para atingir objetivos dantescos de consumo, em nome de uma sociedade altamente alienada.

A produção de bens materiais no período do *fordismo keynesiano* não extrapolava os limites do sistema capitalista daquela época (capitalismo não globalizado). Havia um comportamento estável do sistema, que permitia a viabilidade de um planejamento a longo prazo. Apesar de o consumo ser estimulado pelo crescimento da produção, porém, havia um equilíbrio regulado pelas regras naturais do mercado, que funcionava através do processo de autodeterminação, entre produção e consumo.

A partir da década de 1980, a produção de bens materiais atingiu um patamar altamente significativo no mundo. Em particular, no Brasil o panorama não foi diferente,

porque o sistema capitalista se manteve mais firme na sua meta: expansão da produção, revigorado com a inserção da globalização. Com a presença da mídia cada vez mais sofisticada e insofismável, o consumo alcança níveis impressionantes, que de certa forma instiga o setor produtivo acelerar o seu crescimento.

Além disso, em grandes aglomerados urbanos, movidos por uma forte presença de centros industriais, a produção de bens materiais encontra espaço de consumo, estruturado pela ação do empreendedorismo. Essa ação é citada por Harvey (2009), dando exemplo de grandes regiões metropolitanas (Nova York, Los Angeles, Londres e Chicago), cujo resultado foi bastante favorável para incrementar, não somente a produção, mas, sobretudo o consumo, criando um leque de empreendimentos atrativos, focados para atender o turismo, eventos esportivos relevantes, feiras internacionais, *shopping centers*, etc. Trata-se de um procedimento denominado de *parceria*, onde o setor privado se une ao setor público para buscar novos rumos econômicos para as grandes cidades, que estavam mergulhadas em profunda crise financeira, sem horizonte para honrar os seus orçamentos. Tudo isso é uma conseqüência de um Superestado mostrado por Sábato (1993), onde ele afirma que:

O capitalismo tende a formar capitais crescentes. Isso provoca a concentração industrial, que por sua vez é causa de uma monstruosa expansão das cidades.

É sobre essa expansão que se cria uma *avalanche* de consumo, superando a capacidade dos consumidores, surgindo um universo virtual de poder de compra, á base de crédito inteiramente fácil e atraente.

4. AVALANCHE DO CONSUMO NO MUNDO GLOBALIZADO

O crescimento do sistema capitalista é o responsável pela explosão do consumo, que se aproxima de uma *avalanche*, tal a sua expansão de valores. O mercado mundial tornou-se mais consolidado do ponto de vista da globalização, quando os meios de comunicação prosperaram, alcançando níveis de informações bastante sofisticados, capazes de atingir qualquer alvo no centro do universo, em fração de minutos.

As estruturas do mercado consumidor são tão promissoras e atrativas, que chegam a dobrar o mais inflexível consumidor diante de uma vitrine ou de uma exposição na mídia. Nesse aspecto, a fluidez de todo um sistema funciona como uma máquina perfeitamente engrenada, registrando na sua “infoprodução” o fluxo circulatório dos produtos e dos valores monetários envolvidos. Aqui, vamos encontrar a contribuição de Santos (2008), bastante apropriada para enriquecer esse cenário:

Não basta, pois, produzir. É indispensável pôr a produção em movimento. Em realidade, não é mais a produção que preside à circulação, mas é esta que conforma a produção.

O fluxo circulatório é um sistema sincronizado que requer uma operacionalização com extrema eficácia, a fim de permitir uma fluidez de acordo com Santos (2008):

Tudo se passa como se a economia dominante devesse, incansavelmente, entregar-se a uma busca desatinada de fluidez. Aqueles que reúnem as condições para subsistir, num mundo marcado por uma inovação galopante e uma concorrência selvagem, são os mais velozes. Daí essa vontade de suprimir todo obstáculo à livre circulação das mercadorias, da informação e do dinheiro, a pretexto de garantir a livre-concorrência e assegurar a primazia do mercado, tornado um mercado global.

Por outro lado, é digno de destaque, no prisma da modernidade, a infoprodução suficientemente flexível, capaz de conduzir com a maior fluidez o sistema capitalista de acumulação. Portanto, é essa fluidez que faz crescer acentuadamente o consumo, movido por uma circulação bastante acelerada da produção, transformando-se numa verdadeira *avalanche*.

Para que seja bem assimilado o processo pelo qual a produção e o consumo crescem no sistema capitalista globalizado, é importante ter uma visão do sistema de rede na nova economia, enfatizando o trabalho cognitivo na rede, onde Berard (2005) expõe uma análise da participação do trabalho, através do qual patrão e empregado se confundem nesse sistema.

Em outra colocação de Berard (2005), ele diz que:

Usou a linguagem da psicologia e da esquizoanálise: a subsunção do trabalho cognitivo na rede produtiva do semi-capital desloca toda a atividade produtiva para a criação de estados mentais e, conseqüentemente, o discurso econômico tende a englobar um discurso sobre a mente, e a ideologia econômica se torna ideologia da felicidade. Desse fato decorre uma retórica atrás da qual entrevemos os contornos de uma mutação que não diz respeito somente às tecnologias e à sociedade, mas ao próprio conhecimento e, portanto, ao psiquismo individual e coletivo.

Quando se consegue agregar: de um lado o máximo de conhecimento, dentro de um mundo repleto de *possibilidades* (incluindo todos os ingredientes do mundo moderno virtual), explorando as inúmeras *oportunidades* plenamente oferecidas por um mundo repetitivamente mais forte no processo da globalização; e de outro, uma sociedade que atravessa um momento de transição no seu comportamento cultural (aculturação), influenciada por um sistema estrutural muito sólido, porém com alguns pontos vulneráveis, que conseguem abalar o estado psíquico-social dessa sociedade, com o seu poder de acumulação. O resultado dessa junção de situações diferentes com interesse comum permite que o alvo mais desejado para o sistema capitalista, que é a mais válida, se concretize em toda sua plenitude. Para isso, a fluidez do processo de comunicação se encarrega de conduzir, de forma abreviada, a produção e o consumo, pelo caminho mais curto que leva até a *avalanche* do consumo.

Analisando a conduta da sociedade no que diz respeito a sua individualidade, não é difícil decifrar que diante da imensidade de ofertas virtualmente escancaradas, o ego fala mais alto, extrapolando a capacidade de racionalidade. Nesse caso aparece o desejo sem equilíbrio, fora da razão e sem a devida proporcionalidade. Esse comportamento é observado por Bauman (2001), quando ele fala da compulsão transformada em vício. E como todos os vícios são autodestrutivos, ou seja, destroem a possibilidade de se chegar à satisfação, conseqüentemente a corrida incessante por esse objetivo não tem fim. Porque, no universo dos consumidores, as possibilidades são infinitas e o volume de objetivos sedutores à disposição nunca poderá ser exaurido.

Bauman (2001) se volta ao passado e fala da história do consumismo:

A história do consumismo é a história da quebra e descarte de sucessivos obstáculos “sólidos” que limitam o vôo livre da fantasia e reduzem o “princípio do prazer” ao tamanho ditado pelo “princípio da realidade”. A “necessidade”, considerada pelos economistas do século XIX como a própria epítome da “solidez” – inflexível, permanentemente circunscrita e finita – foi descartada e substituída durante algum tempo pelo desejo, que era muito mais “fluido” e expansível que a necessidade por causa de suas relações meio ilícitas com sonhos plásticos e volúveis sobre a autenticidade de um “eu íntimo” à espera de expressão. Agora é a vez de descartar o desejo. Ele sobreviveu à sua utilidade: tendo trazido o vício do consumidor a seu Estado presente, não pode mais ditar o

ritmo. Um estimulante mais poderoso, e, acima de tudo, mais versátil é necessário para manter a demanda do consumidor no nível da oferta. O “querer” é o substituto tão necessário; ele completa a libertação do princípio do prazer, limpando e dispondo dos últimos resíduos dos impedimentos do “princípio de realidade”: a substância naturalmente gasosa foi finalmente liberada do contêiner.

Agora, Bauman (2001) se refere ao momento atual da seguinte maneira:

O consumismo de hoje, porém, não diz mais respeito à satisfação das necessidades – nem mesmo as mais sublimes, distantes (alguns diriam, não muito corretamente, “artificiais”, “inventadas”, “derivativas”) necessidades de identificação ou a auto-segurança quanto à “adequação”. Já foi dito que o *spiritus movens* da atividade consumista não é mais o conjunto mensurável de necessidades articuladas, mas o desejo – entidade muito mais volátil e efêmera, evasiva e caprichosa, e essencialmente não-referencial que as “necessidades”, um motivo autogerado e autopropelido que não precisa de outra justificação ou “causa”. Apesar de suas sucessivas e sempre pouco duráveis retificações, o desejo tem a si mesmo como objeto constante, e por essa razão está fadado a permanecer insaciável qualquer que seja a altura atingida pela pilha dos outros objetos (físicos ou psíquicos) que marcam seu passado.

Nesse panorama, entre o passado e o presente, destacado por Bauman, temos que olhar para o modernismo apregoado por Harvey, cujo conteúdo é um processo natural da necessidade do sistema globalizado se manter robusto, perante a ruptura de estruturas arcaicas, viabilizando outras estruturas com características modernas. Para que isso ocorra de forma substancial, renovadora e diferenciada é preciso romper barreiras do tradicionalismo, sem causar constrangimentos do ponto de vista cultural, religioso, social e político, dentro de uma sociedade tradicional impregnada de preconceitos, rotinas e inflexibilidades. Quem promove essa mudança pertence a uma outra sociedade, que podemos chamá-la de sociedade emergente, composta de pessoas modernas, que estão sempre querendo renovar; pessoas não modernas, porém aceitam os parâmetros inovadores; e pessoas indiferentes, todavia seguem um processo de alienação. O

modernismo é, sem dúvidas, um sentimento que aflora por uma questão política, econômica, social e cultural, oriunda de uma necessidade explosiva de avanço tecnológico e científico. Principalmente se a questão econômica estiver atrelada ao processo de acumulação flexível. Porque a demanda de bens e serviços aumenta em uma progressão geométrica, da mesma forma que cresce o contingente populacional procurando novos espaços geográficos.

Os espaços geográficos foram ocupados gradativamente por uma população crescente, atingindo o grau de cidades: cidades médias, grandes ou metrópoles. Essa urbanização desenfreada é fruto de um processo produtivo altamente concentrador e sem sustentabilidade, em função da maximização financeira, resultando em um colapso das metrópoles, em todos os aspectos do desenvolvimento urbano e social.

Harvey (2009) faz uma citação de Raban, cujo conteúdo é uma resposta em relação a tese de alguns teóricos sobre a gigantesca brutalidade do crescimento das cidades:

À tese de que a cidade estava sendo vitimada por um sistema racionalizado e automatizado de produção e consumo de massa de bens materiais, Raban opôs a idéia de que, na prática, se tratava principalmente da produção de signos e imagens. Ele rejeitava a concepção de uma cidade rigidamente estratificada por ocupação e classe, descrevendo em vez disso um individualismo e um empreendedimentismo disseminados em que as marcas da distinção social eram conferidas em larga medida pelas posses e pela aparência. Ao suposto domínio do planejamento racional, Raban opôs a imagem da cidade como uma “enciclopédia” ou “empório de estilos” em que todo o sentido de hierarquia e até de homogeneidade de valores estava em vias de dissolução. O morador da cidade não era, dizia ele, alguém necessariamente dedicado à racionalidade matemática (ao contrário do que presumiam muitos sociólogos); a cidade parecia mais um teatro, uma série de palcos em que os indivíduos podiam operar sua própria magia distintiva enquanto representavam uma multiplicidade de papéis. À ideologia da cidade como alguma comunidade perdida, mas objeto de anseios, Raban respondia com um quadro da cidade como labirinto, formado, como uma colméia, por redes tão diversas de interação social orientadas para metas tão

diversas que “a enciclopédia se torna um livro de rabiscos de um maníaco, cheio de itens coloridos sem nenhuma relação entre si, nenhum esquema determinante, racional ou econômico.”

Portanto, os grandes aglomerados populacionais, contribuem para as manifestações especulativas de mercados produtivos em crescimento, gerando uma gigante expectativa de consumo, resultante de uma extensa rede de divulgação global, colocada ao alcance de uma massa agregada de indivíduos, com características culturais voltadas para o consumo. O mundo da virtualidade tem estrutura suficientemente capaz de integrar vários segmentos de uma sociedade em torno de um único objetivo, como por exemplo, a *avalanche do consumo*. Apesar de algumas restrições culturais no passado, todavia, no presente, a modernidade se encarrega de estabelecer desvios ideológicos dentro da sociedade. É um processo natural de evolução como apregoa Harvey. Com isso cresce o espaço cultural itinerante para os indivíduos localizados, principalmente, em grandes áreas populacionais. Não há como conter o consumo acelerado por parte dessa sociedade, que é produto da evolução natural do sistema capitalista do mundo globalizado.

5. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. 1999. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

BAUMAN, Z. 2001. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

BAUMAN, Z. 2005. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

BERARDI, F. 2005. **A fábrica da infelicidade – trabalho cognitivo e crise da new economy**. Rio de Janeiro: DP&A editora.

BEZERRA, A.; BITOUN, J. 2006. Debatendo o espaço geográfico: contribuições a partir do programa de saúde ambiental da cidade do Recife. In: SÁ, A.J. DE; CORRÊA, A. (Orgs.). **Regionalização e Análise Regional: perspectivas e abordagens contemporâneas**. Recife, PE: editora Universitária da UFPE, pp. 47-65.

HARVEY, D. 2009. **Condição pós-moderna**. 18ª Ed. São Paulo: Edições Loyola.

KELLY, K. 1996. **Out of control**. Milão: Apogeo.

KELLY, K. 1999. **Nuove regole per nuovo mondo**. Milão: Ponte alle Grazie.

RABAN, J. 1974. **Solf City**. Londres.

SÁBATO, E. 1993. **Homens e engrenagens: reflexões sobre o dinheiro, a razão e a derrocada de nosso tempo**. Campinas-SP: Papirus.

SANTOS, M. 2008. **A natureza do espaço**. 4ª Ed., 4ª reimpressão. São Paulo: EDUSP.

WEBER, M. 1947. **The Theory of Social and Economic Organization**. New York: Hodge, pp. 112-4.